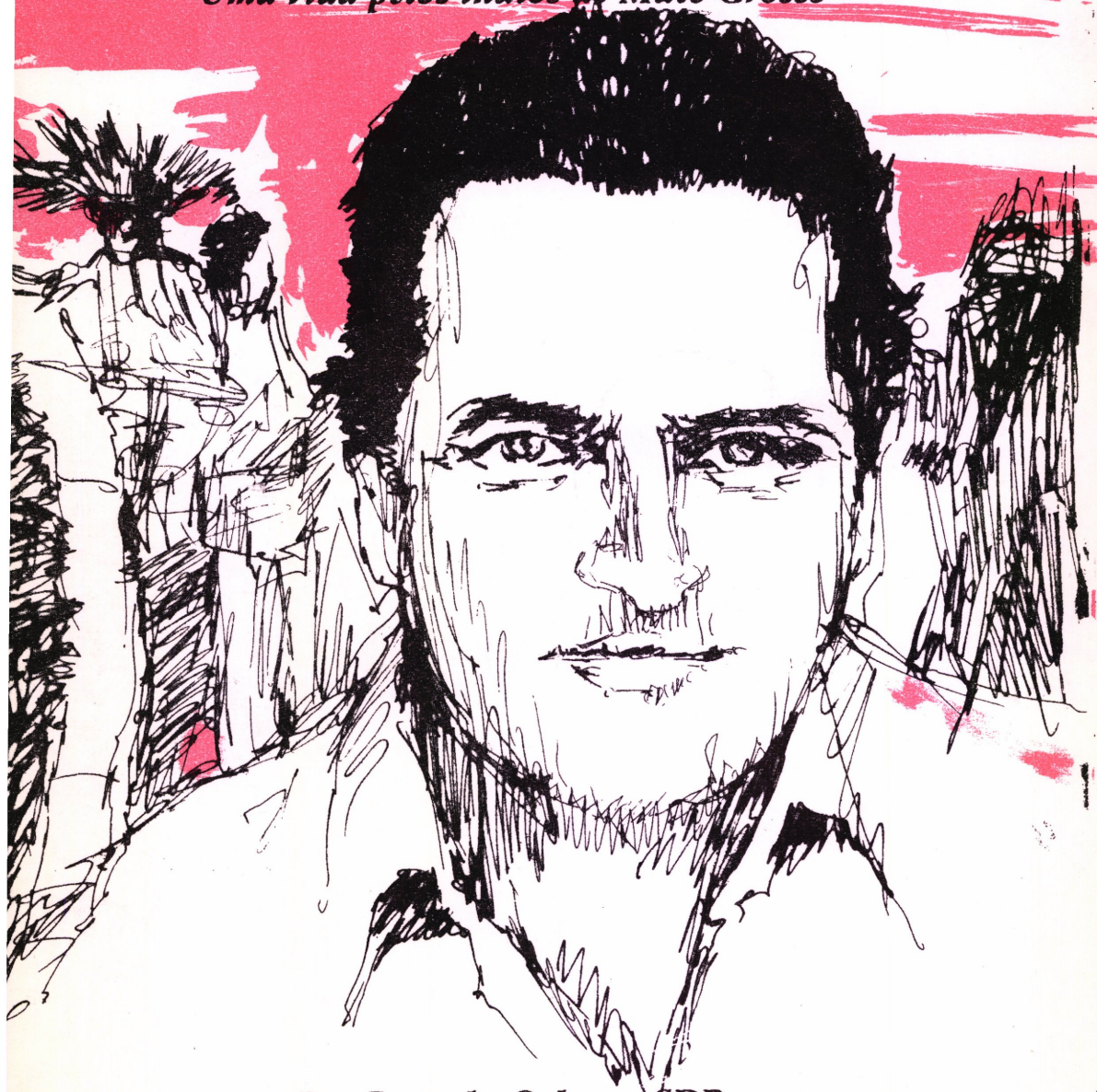


Pe. RODOLFO LUNKENBEIN

1996

60B353

Uma vida pelos índios de Mato Grosso



Pe. Gonçalo Ochoa - SDB

Pe. GONÇALO OCHOA - SDB

60B353

PE. RODOLFO LUNKENBEIN

Uma vida pelos índios de Mato Grosso

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO
Campo Grande-MS
1995

Revisão: Pe. Jorge Lachnitt

Diagramação: Ana Célia

Capa: Hélios Longo

Impressão: Missão Salesiana de Mato Grosso

Pe. RODOLFO LUNKENBEIN - SDB

Uma Vida pelos Índios do Mato Grosso

Pe. Gonçalo Ochoa, SDB

15 de julho de 1976! Dez horas e trinta minutos! No pátio da Missão Salesiana de Merúri, Estado de Mato Grosso, Brasil, jaz um corpo. O jovem diretor da Missão, Pe. Rodolfo Lunkenbein, SDB, acaba de ser imolado por defender a comunidade indígena bororo no processo da demarcação do seu território.

Rodolfo nascera no dia 1º de abril de 1939, em Döringstadt, perto de Bamberg, na Alemanha. Seus pais, João e Maria Lunkenbein, eram pequenos agricultores.

Um dia - Rodolfo estava na 5ª série primária - caíram em suas mãos alguns números do Boletim Salesiano: foi a descoberta de um mundo novo. O vigário deu-lhe de presente uma vida de Dom Bosco. A figura do Santo impressionou-o de tal forma que o pequeno Rúdi decidiu ser padre salesiano.

A família não tinha recursos para custear-lhe os estudos no internato salesiano de Bamberg. Rodolfo deveu, por isso, continuar em casa. Arrumando a cama do filho, diversas vezes a mãe percebeu que o travesseiro estava úmido: Rodolfo chorava de noite. Queria estudar para padre e não podia. Dona Maria aconselhou-se com o vigário. Este escreveu para o aspirantado de Buxheim: foi aceito. Era o ano de 1953. Rodolfo tinha 14 anos.

Era por volta da 8ª série, quando, passando férias em casa, certo dia foi chamado pela mãe a dar explicações, pois ela encontrara no bolso do paletó do filho um bilhete amassado com a frase: "Eu quero ser missionário". "Uma mãe descobre tudo", respondeu Rodolfo. Contou que o diretor do aspirantado havia pedido a todos que escrevessem, com sinceridade, em bilhete anônimo, o que realmente queriam ser. Tendo borrado o primeiro bilhete, Rodolfo o tinha enfiado no bolso...

Resumindo os testemunhos dos que conviveram com ele nas várias etapas dessa primeira parte de sua vida, anotamos: "Um jovem alegre e

sincero! Notável a sua generosidade em ajudar especialmente os velhinhos!” Gostava de rezar. Antes de entrar na escola, já sabia rezar o terço e convidava os irmãos para rezarem juntos. Não perdia uma missa.” Um adolescente de gênio feliz. Temperamento sereno e alegre, aberto a tudo o que era bom e verdadeiro, tornou-se um bom companheiro de todos os colegas, que o apelidaram Lunke. Nos brinquedos ao ar livre participava com entusiasmo de todos os esportes. Liderava, não só por causa do tamanho físico, mas também pela simplicidade e naturalidade próprias de um bom coração. Nas horas livres, Lunke gostava de colecionar selos, brincar em jogos caseiros e tocar flauta.” Sempre interessado nas missões.

Em 1958 chegava a Mato Grosso o novo inspetor salesiano, Pe. João Greiner, alemão, trazendo de sua terra uma leva de jovens missionários, seminaristas e irmãos leigos. Vinham dar um forte impulso às obras salesianas de Mato Grosso, principalmente às missões. Com ele vinha também o jovem Rodolfo Lunkenbein. Nem salesiano era ainda: vinha fazer o noviciado no Brasil.

Seu noviciado foi em Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, em 1959, e a primeira profissão religiosa emitida em 31 de janeiro de 1960. A seguir, o encontramos em Campo Grande, hoje Mato Grosso do Sul, para o prosseguimento de seus estudos e formação (de 1960 a 1962). Fez o seu tirocínio prático na Missão de Merúri, Mato Grosso, de 1963 a 1965.

Jovem seminarista, “as características que o distinguiram foram as seguintes: jovialidade e amizade que o ligaram cordialmente com todos; serenidade e exatidão na prática religiosa e nos estudos; espírito de sacrifício” e “de dedicação para com a comunidade; muito trabalho, mesmo material, na lavoura e na manutenção da chácara e da casa.” Acompanhava com entusiasmo os avanços do mundo científico principalmente a conquista do espaço, colecionando artigos de revistas que tratavam do tema e falando do assunto como perito em matéria. Dominava a mecânica e a eletricidade a ponto de despertar uma certa inveja dos seus colegas especialistas nesses ramos.

A ótima saúde, a grande força física - proporcional à sua estatura de 1,92 m - a inteligência prática, a humanidade, a alegria e a disposição para o serviço, eram as ferramentas que trazia para seu primeiro e definitivo campo de trabalho missionário: Merúri.

Merúri era uma missão complexa onde, além do reduzido grupo indígena Bororó, havia um internato para meninos brancos das fazendas

e cidades que estavam surgindo na região (General Carneiro, Barra do Garças, Guiratinga) e até algumas cidades do vizinho Estado de Goiás (Bom Jardim e Piranhas). Dava-se também atendimento religioso à população da redondeza, desde o Rio das Mortes, aos pequenos aldeamentos de garimpeiros e criadores de gado. O então diretor da Missão, Pe. Bruno Mariano, levava Merúri a um franco progresso, com oficinas, motores, construções, não só para o melhoramento da escola, mas também para as famílias bororo. O jovem assistente Rodolfo, além das aulas que devia dar aos meninos da escola, achava tempo e disposição para se meter em todo esse movimento. Era o braço direito do diretor.

Nessa primeira etapa de sua atividade missionária parece que o trabalho específico ficou um pouco à margem das suas atividades, que se concentraram no atendimento à escola e a todo o complexo surgido ao redor dela e ao atendimento à população envolvente.

Inicialmente os salesianos tinham sido chamados, no fim do século passado, para atender os numerosos grupos indígenas do interior brasileiro, que se encontravam em notável abandono. Com esse ideal haviam chegado a Cuiabá, capital de Mato Grosso, em 1894, dirigidos pelo jovem e dinâmico bispo Dom Luiz Lasagna. Em 1895, fundaram a primeira missão entre os Bororo, na Colônia Teresa Cristina, e iniciavam expedições para encontrar outros grupos ao norte e leste da capital mato-grossense. Logo, porém, tanto a sociedade quanto a Igreja mato-grossense começaram requerer dos salesianos, que entre os seus fins apostólicos contemplassem também estes campos. Perante a urgente necessidade que o Centro Oeste Brasileiro apresentava de atendimento pastoral e de educação das classes populares, não puderam resistir à tentação de se entregar em cheio a essas tarefas. As numerosas levas de missionários providas da Europa vinham aí sendo colocadas. A eles acrescentavam-se os missionários vindos dos outros estados brasileiros, além de ótimos elementos locais, crescidos no próprio ambiente salesiano, o primeiro entre todos Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Destarte, a meio século de sua chegada à região, a Missão Salesiana tinha sob sua responsabilidade grande parte das dioceses e paróquias da região, os seminários diocesanos, numerosos colégios (Cuiabá, Corumbá, Campo Grande, Goiânia), além dos internatos para atender à educação da população rural do interior. Diga-se o mesmo das salesianas, Filhas de Maria Auxiliadora, que além da educação foram solicitadas a prestar seus serviços em numerosos hospitais.

Todas essas atividades não abafaram, é claro, mas limitaram consideravelmente o trabalho com os povos indígenas da região. A maior parte deles ficou no mesmo estado de antes, com a agravante de que, com o crescimento da população branca, as terras, onde os índios encontravam seus meios de subsistência, foram sendo ocupadas e eles cada vez mais dizimados e marginalizados. Tudo isto apesar dos esforços de conceituados indigenistas como o General Cândido Mariano Rondon, que, enquanto punha Mato Grosso e a região amazônica em comunicação com a capital brasileira, interessava-se pela sobrevivência dos povos indígenas, fundando uma entidade que os protegesse (S.P.I.) e demarcando para vários grupos áreas, que depois não foram respeitadas...

Veio depois a Missão Anchieta (os jesuítas) que se encarregou de contactar e atender os grupos indígenas do norte do Estado do Mato Grosso. Os grupos de Mato Grosso do Sul foram atendidos por igrejas evangélicas e por missionários itinerantes. O mesmo aconteceu com os Carajá da Ilha do Bananal. Pela metade do século apareceram as Irmãzinhas de Foucauld para salvar da extinção os índios Tapirapé, situados no nordeste do Estado de Mato Grosso, enquanto os grupos alto-xinguanos iniciavam a experiência que os caracteriza.

A pastoral indigenista salesiana concentrou-se nos Bororo da região do rio Garças, ao leste do atual Mato Grosso. Já acenamos que a primeira missão foi fundada em 1895 entre os Bororo da Colônia Teresa Cristina, na região do rio São Lourenço. Interesses adversos, porém, obrigaram os salesianos a deixarem a missão três anos depois. Perdeu-se, com isso, a possibilidade de atendimento às numerosas aldeias bororo tanto do Rio São Lourenço como do seu principal afluente, Rio Vermelho, aldeias que com o tempo foram desaparecendo, apesar das providências do General Rondon e da assistência dos órgãos oficiais, como o S.P.I. e depois a FUNAI. A primeira residência missionária entre os Bororo da região do rio Garças foi fundada na beira de um dos seus afluentes, o rio Barreiro, iniciando em 1902 a Colônia Sagrado Coração de Jesus, nos Tachos. Das várias residências estabelecidas junto aos Bororo nessa região, essa foi a principal e é a que ainda continua em Merúri, para onde se trasladou pelo ano de 1930. Muitas vidas se gastaram: em primeiro lugar, para salvar da extinção esses pequenos grupos em luta mortal contra migrantes que começavam a invadir seus territórios e, depois, para prepará-los para o contato pacífico com os

mesmos. Para essa tarefa, a Missão enviou os seus melhores elementos, tanto irmãos leigos quanto sacerdotes, irmãs e auxiliares leigas. Os Bororo depuseram as armas e aceitaram o convívio com os brancos. Mas estes não abandonaram a disposição de ocupar as terras dos índios, até o ponto de impedir-lhes continuar as atividades de caça e pesca nas fazendas que se iam estabelecendo em suas terras, das quais “ab immemorabili” são donos exclusivos. Custou aos missionários, numa época que ainda não havia leis que defendessem o direito dos índios à posse da terra, conservar algumas áreas indispensáveis para atendê-los. Por outro lado, a alfabetização e a aprendizagem de alguma profissão, por parte dos índios, para se integrarem na sociedade branca, de acordo com a política indigenista da época, foi uma das tarefas da missão durante seu primeiro século de trabalho no grupo Bororo. Ao multiplicar-se a presença do elemento branco na região, a solicitude dos missionários da época estendeu-se também a ele. Visou-se não só a parte religiosa, mas também a promoção humana. Merúri chegou a ter paróquia, escola, ambulatório e um pequeno centro comercial para brancos e índios indistintamente. Estava a ponto de se tornar uma de tantas cidades da América Latina, surgidas à sombra de alguma aldeia indígena, engolidas logo a seguir em seu progresso de crescimento, sem deixar rasto. Foi, aliás, o que aconteceu em Cuiabá, Rondonópolis, Guiratinga, Barra do Garças, Poxoréo, Jarudori, só para nomear as cidades mato-grossenses que nasceram ao lado de antigas aldeias bororo de que hoje não existe sinal. Os Bororo de Merúri já falavam a língua nacional, eram escolarizados. Os adultos sabiam, quase todos, uma profissão. Alguns deles até lecionavam na escola onde os meninos brancos estudavam. Isso tudo dava-lhes até vantagem sobre os moradores brancos da região, os quais, conhecedores das habilidades dos índios, vinham à missão também para se utilizarem de seus serviços de mecânica, carpintaria, etc.

Inicia-se a segunda metade do século XX. Os Xavante, recém-pacificados, já tinham perdido, e rapidamente, o domínio das próprias terras, terras que tão entranhadamente e por tanto tempo haviam defendido. Agora, perseguidos com veneno e armas de fogo pela crueldade dos novos donos das suas terras, procuram proteção junto às missões de Merúri e Sangradouro. Os Bororo juntam-se aos missionários para acolher e cuidar dos Xavante, cedendo-lhes parte de suas terras para o estabelecimento de suas aldeias. A integração deste grupo bororo

parecia um fato real bem sucedido. Nem se cogitava numa pastoral específica para com eles. Logo, porém, começou-se a perceber o efeito negativo da presença do elemento branco na organização, na economia e na moral, e até na saúde do grupo indígena. Vendo suas terras cada vez mais invadidas e suas famílias desrespeitadas, foi-se colocando à margem do processo, evitando até novos nascimentos dentro do grupo. Parte dos índios concordava com esta situação pelos aparentes favores que recebia dos amigos brancos. Outros, porém, eram contra, ansiando por dias melhores.

Foi dentro desta realidade que Rodolfo viveu e trabalhou na sua primeira experiência missionária. Era amigo de todos e a todos procurava servir, com todo o entusiasmo de sua juventude e seu grande coração. Seu ideal, sua vocação específica, eram as missões. Foi assim que o expressou aos pais quando lhes pediu licença para partir: "Vocês sabem muito bem que faz anos que o meu desejo é ir para as missões e ninguém vai me impedir, pois minha vocação é ser missionário, e seguirei este chamado de Deus mesmo que custe muitos sacrifícios." E, para convencer os pais a lhe concederem licença, lembrava-lhes as palavras de Cristo: "Ide por todo o mundo e ensinai a todos os povos..." "Isto valeu, escreveu ele, não somente no tempo de Cristo, mas também agora, e é tão urgente como nunca. Peço-lhes, deixem-me partir."

E esse chamado de Deus para trabalhar com um povo indígena é específico: assim o expressava ele quatro anos depois, feito o noviciado e a filosofia, escrevendo à família: "... posso ir a Merúri, à nossa missão entre os índios Bororo. Todos os meus colegas estão com inveja de mim por causa disso, e eu estou muito satisfeito de poder ir para lá."

Teria Rodolfo visto, nessa primeira experiência em Merúri, a realização de seus sonhos missionários? Depois de três anos de vivência salesiana de tirocínio prático em Merúri, regressa, em 1966, à Alemanha para a última etapa de preparação ao sacerdócio: quatro anos de teologia no estudantado de Benediktbeuern. Que se passaria na alma do Lunke nesse tempo? Pensaria ainda em voltar para um campo de trabalho onde as características de missão específica com um povo indígena estavam mais e mais se diluindo? Quais questionamentos lhe passariam pela mente de jovem missionário, sobre a realidade em que se achava a Missão de Merúri?

Humanamente falando, a realidade da vida se encontra sempre muito aquém dos nossos sonhos e dos nossos ideais. Mas para o cristão,

o que Deus tem preparado para os que lhe são fiéis está sempre acima de qualquer cogitação. E Rodolfo não buscava glória humana: se tinha um coração cheio de entusiasmo, tinha-o também repleto de humildade, sentido prático e muita docilidade ao Espírito, que soprava novos ares sobre a Igreja. A sua glória será o martírio pela nova vida do povo de Merúri. Certamente que aludia a Merúri e ao desejo de lá voltar quando escreve: “é especialmente a pobreza religiosa e material que me atrai.”

O início do estudos teológicos de Rodolfo coincide com o fim do Concílio Vaticano II. Sua teologia empapar-se-á de seu espírito e orientações. O jovem missionário vibrava. Sobre esse tempo de estudos teológicos assim expressou sua mãe: “Além dos estudos normais, interessava-se por assuntos de construção, jardinagem, agricultura, zoologia, e especialmente do cuidado dos doentes. Lembro-me que um ano ele foi ao Instituto Missionário Médico de Würzburg, nas férias de verão, para aprender medicina tropical. Havia ganhado o título de professor de natação. Tinha licença para guiar qualquer veículo, brevê de aviador e diploma de rádio-amador. Pensava que tudo isso lhe seria útil em seu trabalho missionário. À noite rezava... Rodolfo queria ajudar os indígenas pobres e oprimidos. Não era sua intenção conseguir um pouco de glória. Silencioso e recolhido, queria cumprir a vontade de Deus no serviço e no amor ao próximo.”

Rodolfo ordena-se sacerdote a 29 de junho de 1969, em Benediktbeuern. Voltando ao Mato Grosso, a obediência destina-o novamente à missão de Merúri. E lá chegando encontra uma nova realidade. O último diretor, Pe. João Falco, tinha desencadeado um processo de mudança na maneira de atender os Bororo. O esquema da presença de famílias brancas perto da aldeia fora desmontado. A ação da Missão dirigir-se-á, de aí por diante, prioritariamente aos índios, desenvolvendo sobretudo um melhor atendimento à saúde, à subsistência dos mesmos, e à revitalização da sua cultura. O Pe. Rodolfo e seu patrício, Pe. Paulo Mohr, como novos responsáveis da Missão, são recebidos pelos Bororo com o cerimonial bororo. O Pe. Paulo, como novo diretor, recebe o PARIKO dos chefes. Ao Pe. Rodolfo, seu auxiliar, é entregue o arco enfeitado de guerreiro.

Agora seu relacionamento com os índios será mais íntimo e o seu trabalho mais direto. Com a nova bagagem de conhecimentos adquiridos na última etapa de formação, sentia-se capaz de atuar realmente como missionário. E missionário da linha nova.

A ação missionária do Brasil também começava, pelos anos 70, a tomar novos rumos. Em um curso para missionários, realizado em São Paulo, do qual participaram representantes da missões salesianas de Mato Grosso e do Amazonas (Rio Negro), junto com missionários de outras congregações, surgiu a idéia de uma organização de toda a Igreja missionária indigenista do Brasil, para unificar e atualizar sua ação. Pedia-se a formação de um Conselho que se encarregasse de coordenar a formação específica dos missionários e da ação da Igreja junto aos povos indígenas. Foi a origem do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), cujos primeiros presidentes foram sucessivamente: o Pe. Ângelo J. Venturelli, co-autor da Enciclopédia Bororo, o Pe. José Vicente César, fundador do Antropos do Brasil, e Dom Tomás Balduino, bispo e membro da CNBB, à qual o CIMI ficou ligado.

Rodolfo participou do referido curso, sendo depois eleito membro da diretoria nacional do CIMI. Essa circunstância e a preocupação de conseguir mercado para o artesanato indígena bororo de Merúri, obrigou-o a viajar muito pelo Brasil. Às vezes acompanhava Dom Tomás Balduino, viajando no seu avião pelo interior da Amazônia, sempre no afã de atender aos povos indígenas.

Mesmo engajado com CIMI-Nacional, seu trabalho principal se concentrava na comunidade de Merúri. Rodolfo sentia-se membro da família bororo e os Bororo o aceitaram com carinho introduzindo-o ritualmente na tribo com o nome de OKOGE EHUREU (Peixe Dourado), nome cheio de sentido e simbolismo na vida e na mitologia bororo.

Em 1974 o Pe. Rodolfo volta de uma visita aos familiares e é recebido com entusiasmo pelos índios como novo diretor de Merúri. “Os índios vibraram de entusiasmo, conta ele para sua mãe, abraçaram-me e quando chegamos à sede da Colônia, os meninos índios e alguns escolares cantaram para mim. Na Missa vespertina, logo no início, aproximou-se um índio e cantou uma saudação como eles normalmente só fazem quando saúdam um cacique. Em seguida, retirou minha estola e colocou-me nos ombros outra, feita pelos índios especialmente para mim, de penas de arara. Fiquei extremamente sensibilizado.”

Como diretor, o Pe. Rodolfo interessou-se em primeiro lugar pela saúde dos Bororo. Apoiou e acompanhou com verdadeiro carinho o trabalho do Dr. Geraldo Chaves Salomon, especialista da Universidade de São Paulo, que com sua esposa Dona Esther estavam começando um programa

de erradicação da tuberculose entre os Xavante e Bororo das três missões salesianas de Merúri, Sangradouro e São Marcos, programa que depois se prolongou por mais de uma década, com êxito total. A seguir, Rodolfo conseguiu, com a ajuda dos seus patrícios, um microscópio e um aparelho de raio-X para o hospital de Merúri. As radiografias e as análises já podiam ser feitas em Merúri, poupando sacrifícios e despesas com o traslado dos índios para a cidade de Dourados (situada a mais de 1.000 km da Missão e onde foram tratados os primeiros casos). Também o tratamento podia ser feito "in loco". O Dr. Geraldo mesmo conseguia, com a ajuda de amigos de São Paulo, o material para as radiografias e os remédios necessários.

Tudo o que fosse aumento da vida para o seu querido povo bororo entusiasmava o novo diretor e o fazia tema central de notícias em suas cartas a parentes e amigos, especialmente os novos nascimentos. Sofria frente a tudo o que prejudicava a saúde e a vida do índio, principalmente o alcoolismo. Este, aliás, tem sido a arma mortal que a nossa sociedade, consciente e inconscientemente, tem usado para exterminar muitos grupos indígenas e principalmente muitas aldeias bororo ... Por isso, desdobrava-se para evitar que nas vizinhanças da Missão proliferassem os botecos. Desde criança vivera em profundidade a experiência cristã, sentindo durante toda a sua vida o impulso do Espírito, que o chamava a anunciar o Evangelho. Para usar uma expressão de São Paulo, sobretudo como missionário, nunca se envergonhou do Evangelho. Falava, com simplicidade e unção, de Jesus Cristo e sua mensagem da devoção à virgem Maria de Dom Bosco como apóstolo dos jovens e das missões. Mas sua principal pregação era a vida. Servia a qualquer hora do dia ou da noite, com alegria e abertura. Não havia ninguém, grande ou pequeno, que dele se aproximasse e não se sentisse aceito como pessoa.

Soube estudar, respeitar, valorizar e reavivar a cultura bororo, como elemento básico para a evangelização mais autêntica. Promoveu experiências de adaptação da liturgia à cultura bororo, pela inclusão de alguns de seus ritos e símbolos na celebração da batismo, da festa de Natal e da Semana Santa. Eram os primeiros passos para a inculturação do Evangelho e da liturgia na cultura bororo. A fé cristã é uma nova experiência de vida em plenitude à qual os povos são chamados. A cultura de um povo pode ser considerada como a expressão de experiência histórica no relacionamento entre seus membros e o mundo

material e espiritual que o envolve. O povo bororo, pela sua organização social e pela sua língua, pelas suas manifestações artísticas e pela sua religiosidade, possui uma das culturas mais aptas para expressar a alma humana. A estima que Rodolfo sentia por essa cultura está expressa em seu último sermão de Natal, comparando os cantos indígenas ao redor do presépio com o canto dos anjos da noite santa. "Nós também aqui presenciamos os louvores destes cantos que os Bororos oferecem ao Criador, cantos inspirados por Deus, nestas noites maravilhosas e misteriosas que só o sertão de Mato Grosso pode oferecer. Noites em que Deus, através dos séculos, confiou e revelou os seus mistérios aos Bororos nesses cantos e cerimônias maravilhosas, cantos executados através dos séculos."

Converter-se à cultura de um povo, descobrir e acreditar que Deus vem agindo na história desse povo, eis uma das condições para que um missionário possa ajudar a desencadear um processo de inculturação do Evangelho.

Durante o primeiro ano de directorado de Rodolfo, em agosto de 1974, teve lugar em Merúri a 1ª Assembléia Regional do CIMI. Na coordenação dessa assembléia estavam: Dom Tomás Balduino, Dom Pedro Casaldáliga, e Pe. João Bosco Burnier e também o Pe. Rodolfo Lunkenbein: Dois bispos (e que bispos!) e dois mártires (e que mártires!) Dissemos dois mártires, porque o Pe. João Bosco também logo seria morto.

A vida e a cultura de um povo estão muito ligados ao ninho ecológico, ao domínio de uma terra própria onde esse povo possa crescer e se desenvolver.

Em 1973 fora promulgada a lei 6.001, o Estatuto de Índio, de cuja redação o CIMI participara. Com essa lei os índios começavam a ter um instrumento legal para reivindicar o direito sobre suas terras. A lei fixava o prazo de 5 anos, a partir da sua promulgação, para a demarcação das áreas indígenas. Os Bororo e os Xavante das Missões Salesianas foram os primeiros grupos indígenas a iniciarem um movimento de reivindicação desse direito, conseguindo que dentro do prazo estabelecido por lei suas áreas fossem demarcadas. Isso, porém, não se deu sem esforço e sem sangue. Ameaças às lideranças indígenas e aos missionários que os apoiavam começaram a ser o pão de cada dia. Os padres Pedro Sbardelotto, Mário Panziera, Mário Gosso, Bartolomeu Giaccaria e Rodolfo

Lunkenbein, junto com os chefes xavante e bororo, estavam na lista dos que deviam ser eliminados, a fim de impedir a demarcação das reservas indígenas na região.

Em pouco tempo, os Xavante com uma estratégia maravilhosa, que os levou de vitória em vitória, conseguiram a demarcação de suas áreas, impedindo qualquer derramamento de sangue, tanto dos missionários como dos índios e da população branca.

Já os Bororo, enfraquecidos e dizimados pela longa experiência de fracasso através de anos e dos séculos, em que foram perdendo suas áreas e vendo suas aldeias extintas, a luta pela demarcação de sua reserva foi muito mais difícil e demorada. Por fim, depois de quatro anos de contínuos e insistentes pedidos, os Bororo conseguiram que o Governo se interessasse pela demarcação de sua reserva. Foi nomeada uma comissão oficial para o estudo do pedido dos índios e para definição da área a ser demarcada. Foi decretada a demarcação administrativa pela FUNAI e chegou a firma PLANTEL para iniciá-la. Na noite em que se deu o início da demarcação, o Pe. Rodolfo convidou a comunidade bororo a fazer uma celebração de ação de graças. Porque finalmente, depois de tanta oposição, esforços e espera, a demarcação havia iniciado. Falando aos índios nessa celebração, deixou entender, dadas as ameaças constantes que tinha recebido, que previa o que lhe viria acontecer como diretor da Missão. Mas disse que estaria disposto a qualquer sacrifício e até dar a própria vida pelos Bororo. Era a visão da amargura dos cálice e a aceitação e oferecimento do sacrifício que seria consumado no dia seguinte, 15 de julho de 1976.

O martírio cristão não é um acontecimento repentino, imprevisto. É antes de tudo uma graça de Deus. É também o coroamento de uma vida de muito amor e compromisso com o Reino de Deus, no seguimento do Mártir Divino.

“Também hoje - escreve Rodolfo em uma de suas cartas - o missionário deve estar disposto a sacrificar a sua vida.” E em sua última visita à terra natal, em 1974, sua mãe o advertia que tivesse cuidado, pois se estava falando muita coisa ruim. Ele respondeu: “Mamãe, como você se preocupa! Se eles me cortassem um dedo, eu lhes ofereceria os dois braços. Não há nada mais bonito que morrer pela causa de Deus. Este seria o meu sonho.”

O jovem diretor era um homem pacífico, não gostava de violência.

Sua opção preferencial era pelos Bororo e para que estes pudessem reaver, também com direito legal, a sua terra. Trabalhava, porém, para que isto se realizasse dentro da legalidade e da paz. Assim o expressava no mesmo sermão de Natal de 1.975 acima citado: "Temos aqui uma grande representação de nossos vizinhos e amigos da região, mostrando assim que todos nós somos uma única família: índios e civilizados. Mostrando assim que acreditamos todos nós neste Deus-menino, que se tornou nosso irmão, para que todos nós pudéssemos viver em paz; para que todos nós tivéssemos já nesta terra um pouco de felicidade, símbolo daquela felicidade que um dia haveremos de encontrar na vida eterna!"

No dia da chacina, tinham os atacantes tomado o pátio da Missão, para onde trouxeram preso um dos grupos que estava fazendo a demarcação (agrimensores, índios acompanhantes e aparelhos de trabalho). O diretor se achava no campo com um grupinho de Bororo iniciando uma lavoura de arroz no cerrado para o sustento da comunidade indígena. Foi chamado com urgência e, ao chegar à Missão, percebeu que havia chegado a sua hora. Estavam diante dele os que lhe tinham jurado morte e alguns pistoleiros conhecidos na região. Procurou acalmar os ânimos. E até ofereceu seus serviços perante o Governo, para que os moradores, ao deixarem a reserva, não ficassem prejudicados. Não era a primeira vez que ele oferecia seus préstimos. Nem a primeira que era rejeitado. Só que desta vez não queriam se afastar sem antes cumprir com o desígnio planejado: liquidar o superior da Missão e os líderes índios mais comprometidos. Com isso, a demarcação da reserva ficaria definitivamente comprometida. Sem o Missionário e as lideranças seria mais fácil convencer os Bororo a se transladarem a outros lugares. Aliás, alguns dias antes, um bom grupo deles havia sido levado com falsas promessas. Conta um deles que ao escurecer, foram colocados, às pressas, num caminhão e levados durante toda a noite com a proibição de deixar-se ver pela estrada. Foi assim que ao passarem por Poxoréo, tiveram que deitar-se no assoalho do caminhão para não serem percebidos. Chegando a Jarudóri, foram despejados numa área onde já tudo estava tomado por moradores e fazendeiros.

A resposta à atitude pacificadora do Pe. Rodolfo foi a violência contra ele, por palavras e ações, suscitando reclamações das mulheres e crianças da aldeia que se haviam aproximado para ver o que os brancos estavam querendo. Testemunhas oculares contam que, quando o chefe

dos atacantes puxou o revólver para atingir o Padre, o capitão bororo, ali perto, quis segurá-lo para impedir o crime, mas foi baleado pelas costas, deixando-o sem sentidos. O Padre, já atingido no estômago, levou a mão à ferida, levantando o braço esquerdo para pedir calma. Seguiu-se, porém, um segundo tiro, sob o braço esquerdo, e um terceiro, no coração. ... O assobio das balas perto fez gritar as mulheres e crianças que viram o Missionário caindo no pátio da Missão. Os poucos índios presentes, atarantados pelo súbito ataque, não puderam - como é fácil de imaginar - nem defender-se, nem defender o sacerdote. Um deles, o bororo Simão, teve as entranhas rasgadas por uma faca e à mãe, que acorrera a socorrê-lo, lhe cravaram uma bala bem no peito. A outros, deixaram feridos ... e, na fuga, sequer levaram um jovem do bando, misteriosa mas mortalmente ferido ... Rodolfo é logo atendido pelas mulheres presentes e a enfermeira Irmã Margarida, mas morre segundos após. Seu enorme corpo - imediatamente ungido pelo colega missionário, testemunha da vida e da morte de irmão - jaz caído, ainda envolto em suas roupas de trabalho, agora não só embebidas de suor, de óleo e de terra, mas também perfuradas de balas e tingidas de sangue ... Jaz ali, e a poucos passos da igreja, sobre o pátio da Missão, consagrando aquela terra com o martírio e a doação.

E enquanto assim o "Peixe Dourado" toma posse daquela terra por seu Povo, na casa das Irmãs e no hospital da Missão, se atendem os demais Bororo feridos, alguns em perigo de morte ... Depois seu corpo foi levado para a igreja, em cujo altar - por ele tanto embelezado - presidia o Grande Crucifixo, inspiração de todas as oblações.

Antes do ataque, as comunicações telefônicas com a cidade haviam sido cortadas. Providencialmente, funcionava na Missão um pequeno rádio amador, cujo horário de meio-dia foi ao ar nessa ocasião pela primeira vez. Por ele foi logo anunciada a notícia a Barra do Garças, a Campo Grande. E dali para a Europa. Nessa mesma tarde, pois, o Brasil e o mundo estavam cientes da ... chacina de Merúri.

Os Xavante da vizinha missão de São Marcos vieram chorar seu amigo e dar cobertura aos irmãos bororo, enquanto chegava a polícia, também para impedir qualquer represália dos índios. À tarde, os superiores da Missão Salesiana, de Campo Grande, acorreram pressurosos, conseguindo também um avião para transportar de urgência os feridos graves para Barra do Garças. Simão Bororo, o mais atingido, morreu logo ao decolar do avião. O Padre morreu por defender a terra

dos índios e o Índio por defender a vida do Padre.

Os outros dois feridos graves, Lourenço Rondon, o capitão, e Teresa Kogue, a mãe de Simão, apenas chegados foram logo atendidos e puderam ser salvos. Hoje vivem e podem contar ...

"Simão - disse o finado Eugênio Aije - tinha 40 anos. Era muito bom. Todos tinham estima por ele, porque estava disposto para tudo. Ele era o pedreiro da aldeia de Merúri. Ajudou a construir as casas. Fez a maioria dos fogões das casas dos Bororo. Na mesma manhã de sua morte estava consertando a lavandeira das irmãs. Era muito unido com o Pe. Rodolfo na defesa da terra ..." E Dona Genoveva Borobotou, irmã de Simão, diz: "Simão gostava das crianças no pátio da aldeia ... Simão estava sempre pronto para ajudar os outros companheiros, com dinheiro, com penas para enfeites, e ele mesmo procurava as penas. Ele conhecia muito os remédios do mato. Fazia remédios de arnica e aplicava-os e explicava. Ainda nos últimos dias foi arrumar arnica para um velhinho ... Era muito paciente e nunca zangava."

É famosa a declaração de Lourenço Rondon numa carta ao mundo civilizado: "Temos agora uma nova esperança e estamos dispostos a mudar o rumo da nossa história. E como mudaremos? Será que temos que pegar as armas? Será que temos que atacar os brancos como eles fizeram conosco? Não! Os verdadeiros cristãos não agem assim. Armas são o argumento dos covardes. Nós queremos é juntar-nos e unir-nos. Talvez morramos, mas não aceitaremos mais o domínio dos outros sobre nós. Exigimos ser tratados como gente."

O corpo do Padre Rodolfo, enquanto se esperava a decisão da família da Alemanha, foi levado a Barra do Garças para ser embalsamado. A mãe, que na mesma tarde do dia 15 de julho recebeu a notícia do sacrifício que ela pressentia, chorou-o, mas aceitou-o com heróica resignação, perdendo e pedindo a Deus perdão pelos assassinos do seu filho. Deixou que ele fosse enterrado no meio dos Bororo pelos quais havia dado a vida. Destarte, os Bororo puderam cantar-lhe o ROIA KURIU ou Canto Grande, com que solenizam o enterro de seus parentes. Pintaram-lhe o rosto com carinho usando cores da tribo e ornaram-no com os enfeites do seu clã.

Poucos anos depois, a mãe de Rodolfo, Maria Lunkenbein, veio da Alemanha a Merúri visitar o túmulo do filho. Abraçou Dona Teresa KOGUE, mãe daquele que lhe tinha sido companheiro de martírio,

Simão Bororo, e recebeu o carinhoso afeto de todos os Bororo e Missionários de Merúri aos quais adoptou como filhos em lugar de seu Rúdi.

Pouco depois da morte do Pe. Rodolfo e Simão, a área bororo de Merúri foi demarcada. E aqueles mesmos Bororo que tinham sido dolosamente levados para Jarudóri, começaram a voltar. A comunidade indígena conseguiu a posse e o uso exclusivo de sua área. As crianças foram aumentando notavelmente, de maneira que, dez anos depois, mais da metade da população bororo da área era constituída de crianças pequenas.

O martírio de Rodolfo e Simão refloresce na vida e é celebrado todos os anos na lembrança. No décimo aniversário, presente o irmão e um sobrinho do Padre Rodolfo, vindos da Alemanha, o corpo do Padre foi exumado ritualmente para o segundo enterro tradicional. Nele os ossos do finado são pintados e enfeitados de penas. E, como numa festa de ressurreição, se executam os rituais e cantos mais solenes e de acompanhamento do AROE (pessoa falecida) ao lugar de sua felicidade.

Mas a luta continua. A situação atual não é de festa: a crise econômica do país, nestes últimos anos, tem-se refletido fortemente sobre os índios. Percebe-se que a população bororo tende a decrescer novamente. A influência negativa da estrada asfaltada, que atravessa a área indígena, e o trabalho solapador de muitos interessados em acabar com os índios, principalmente através da bebida alcoólica, vai minando novamente a comunidade, onde as mortes violentas se estão tornando cada vez mais freqüentes. A atitude de "fazendeiros amigos" que visam explorar a mão de obra indígena e a se apoderar do seu patrimônio, como gado e instrumentos de trabalho, em atos nem sempre honestos e em negócios nem sempre justos, vai deixando os índios cada vez mais empobrecidos. E assim os Bororo, como a maior parte dos povos indígenas, continuam numa luta tremendamente desigual diante de uma sociedade que os envolve e os quer esmagar.

Restam alguns questionamentos. Chegará a sociedade branca e, concretamente, o povo mato-grossense, a reconhecer o que o povo bororo representa na sua história e na sua cultura? Reconhecerá as riquezas materiais e espirituais que dele herdou? Aceitará, em troca, ajudá-lo a levar uma vida menos sofrida e mais feliz?

Infelizmente esta atitude positiva não se tem percebido até agora.

Pelo contrário. Somente nesta segunda metade de século, várias áreas que o General Rondon lhes tinha demarcado foram oficialmente diminuídas e invadidas. Só para citar o caso mais lastimável, a aldeia bororo de Gomes Carneiro, na famosa área de Teresa Cristina, que foi pessoalmente percorrida pelo depois Marechal Cândido Mariano Rondon, sofreu, em 1976, uma nova e absurda demarcação, diminuindo em mais da metade a área de Rondon, deixando ainda encrustada no coração da área uma importante fazenda e deixando mal definidos os limites, de maneira que, aproveitando-se dessa indefinição, fazendeiros e políticos dos mais eminentes do Estado, foram penetrando, convertendo em pastagens cerrados ricos de frutas, como mangabeiras e piquizeiros, dos quais até não mais de dois anos atrás se alimentava a comunidade indígena. Acontece que essa área, hoje acossada por fazendeiros por todos os lados, abrigou até agora a aldeia bororo mais importante para a conservação da língua e da maravilhosa cultura bororo.

Legalmente a área que Rondon demarcou para essa comunidade não podia ser diminuída nem invadida porque sempre esteve presente nela uma das comunidades bororo cultural e numericamente mais representativas. O corte dessa área foi feito no ano em que o Pe. Rodolfo morreu. Ele chegou a ter conhecimento disso e sofreu muito sabendo o que essa nova demarcação significaria para o futuro daquela comunidade que várias vezes tinha visitado como missionário.

“Cedant arma togae!” Quando acabaria a ganância, a violência e a injustiça? Quando voltará a reinar o amor, a dedicação e o respeito às pessoas? O mesmo Pe. Rodolfo ajude a transformar estes seus sonhos, e nossos, em realidade.

Fontes:

BINI, Pe. Wálter, Padre Rodolfo Lunkenbein, Carta Mortuária, Inspetoria Salesiana de Mato Grosso, Campo Grande 1976.

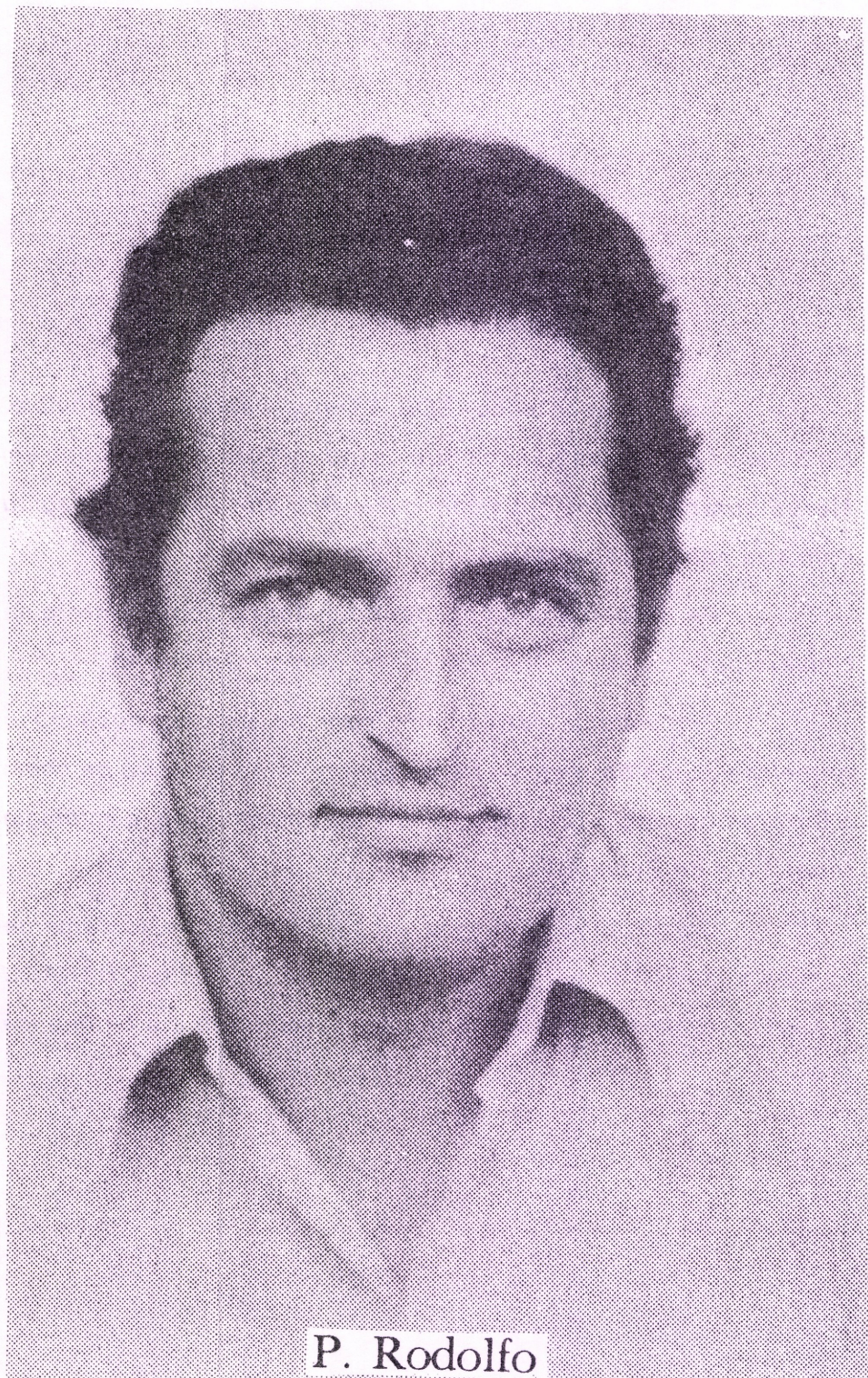
ROHRIG, Hans-Günter, Rodolfo Lunkenbein, uma Vida em Defesa dos Índios, Coleção Heróis, 1982, 2.a ed. Editorial Dom Bosco, São Paulo.

VÁRIOS, Depoimentos sobre o Padre Rodolfo Lunkenbein e sobre Simão Bororo, Boletim do CIMI, ano 5 n. 30, julho de 1976.

VÁRIOS, Testemunhas da Vida e da Morte do Padre Rodolfo Lunkenbein.

Endereço do autor:

Merúri - 78.620-000 - GENERAL CARNEIRO MT



P. Rodolfo

Pe. Gonçalo Ochoa - SDB, 66 anos, nasceu na Colômbia. Há 35 anos está trabalhando entre os índios Bororo. Trabalhou em Merúri durante muitos anos com o Pe. Rodolfo. Este o contagiou com sua paixão pelos Bororo.

Pe. Ochoa é pesquisador de cultura e língua Bororo na Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande-MS.

Em diálogo permanente com os Bororo, publicou o primeiro volume da História Mítica Bororo, uma amostra de como o Bororo Coqueiro recapitulou, de maneira inculturada, a mitologia tribal à luz do Evangelho.

Um trabalho de longos anos foi a tradução, juntamente com os mestres Bororo, do Novo Testamento, com o título BAKARU MAIWU. Atualmente está elaborando o Dicionário e a Gramática Bororo.



**MISSÃO SALESIANA
DE MATO GROSSO**